

UM OLHAR PARA AQUILO QUE NÃO MUDOU: A RETENÇÃO NO LÉXICO LITÚRGICO**LOOKING AT WHAT HAS NOT CHANGED: RETENTION IN LITURGICAL LEXICON****UNA APROXIMACIÓN A LAS PERMANENCIAS EN EL LÉXICO LITÚRGICO****Marcus Vinícius Pereira das Dores**

Resumo: Este artigo aborda o fenômeno da retenção linguística – de modo particular a retenção lexical – por meio da comparação de definições coletadas em diferentes obras lexicográficas de alguns itens lexicais. Os dados analisados neste artigo foram extraídos do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* (1749-1904) e, por isso, trata-se de itens lexicais que fazem parte da esfera social litúrgica. Como base teórica, tomam-se trabalhos sobre linguística histórica (BYNON, 1977; FARACO, 2005; MATTOS E SILVA, 2008) e sobre as ciências do léxico (BIDERMAN, 2001; MATEUS e VILLALVA, 2006; CASTILHO, 2019).

Palavras-chaves: retenção linguística; léxico litúrgico; manuscrito mineiro.

Abstract: This paper addresses the phenomenon of linguistic retention – in particular lexical retention – by comparing definitions collected in different lexicographic studies on some lexical items. The data analysed in this article were extracted from the Inventory *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* [*Inventory Book of Mariana Cathedral*, in free translation] (1749-1904). For that reason, these are lexical items that are part of the liturgical social niche. For a theoretical basis, we support our analysis on Historical Linguistics (BYNON, 1977; FARACO, 2005; MATTOS E SILVA, 2008) and on the Lexical Sciences (BIDERMAN, 2001; MATEUS and VILLALVA, 2006; CASTILHO, 2019).

Keywords: linguistic retention; liturgical lexicon; Minas Gerais' manuscript document.

A mudança que se observa numa língua no decorrer do tempo tem paralelo na mudança dos conceitos de vida de uma sociedade, na mudança das artes, da filosofia e da ciência e, até, na mudança da própria natureza. (Mateus, 2005)¹.

¹ MATEUS, M. H. M. A mudança da língua no tempo e no espaço. In: MATEUS, M. H. M; BACELAR, F. (Orgs.). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

1 Considerações iniciais

É fato que as línguas naturais estão em constantes processos de variação e de mudança. As mudanças, entretanto, como aponta Mateus (2005), ora citada, não acontecem isoladamente, mas dentro de um espectro em que várias coisas do mundo estão em mudanças. Para exemplificar, pensemos nas palavras relacionadas às novas mídias sociais que foram incorporadas e/ou criadas no português e em outras línguas: *facebook*, *instagram*, *twitter*, *tuitar*, *google*, *googlar* etc. Essas palavras hoje fazem parte do léxico português (algumas dicionarizadas outras ainda não), mas essa inserção linguística só aconteceu por causa dos avanços tecnológicos e da criação das novas mídias. Dessa forma, qualquer recorte que fazemos é meramente científico.

Dito isso, vamos, por meio do manuscrito *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*, voltar ao passado para perceber que nem tudo na língua muda. Até mesmo no léxico, nível no qual as mudanças linguísticas se implementam de forma mais rápida, há muitos casos de manutenção/retenção.

Este artigo, que surge como produção do Grupo de Estudos do Léxico e Narrativas da Amazônia Legal – GELNAL, tem por objetivo apresentar alguns casos de retenção lexical por meio do cotejo de dados do século XVIII com dados contemporâneos. Assim, esperamos mostrar que alguns itens lexicais da esfera litúrgica, utilizados no século XVIII, ainda hoje são utilizadas no mesmo contexto. Para isso, estruturamos nosso texto da seguinte forma: i) primeiramente, apresentaremos as nossas bases teóricas; ii) em um segundo momento, apresentaremos as nossas fontes de pesquisa; iii) em uma outra seção, destacaremos os dados distribuídos em fichas lexicais que nos auxiliarão no entendimento do fenômeno aqui em causa; iv) por fim, seguirão as nossas considerações finais.

2 Fundamentação teórica

De forma metafórica, as teorias são como lentes que colocamos diante dos nossos olhos para enxergar melhor determinados fenômenos. Assim, nesta seção, abordamos algumas concepções teóricas que nos ajudarão a explicar melhor o fenômeno de retenção lexical, ou seja, a manutenção de itens lexicais no português diacronicamente.

Como ponto de partida, tomaremos a linguística história segundo os trabalhos de Bynon (1977), de Faraco (2005) e Mattos e Silva (2008). Esses autores, cada qual com a sua particularidade, defendem que a linguística histórica é uma área da linguística que se ocupa das mudanças linguísticas diacronicamente.

Segundo Bynon (1977, p. 1, tradução nossa), “[a] linguística histórica procura investigar a maneira pela qual as línguas modificam ou mantêm suas estruturas no decurso do tempo [...]”. Essa definição é bastante pertinente por levar em consideração tanto as mudanças, como as manutenções linguísticas. Ou seja, nessa perspectiva, mudança e manutenção assumem o mesmo peso dentro dos estudos de linguística histórica. Embora todos os teóricos da área afirmem que a mudança linguística não é abrupta e, por isso, estruturas antigas convivem com estruturas novas, não são todos que enunciam em seus trabalhos a manutenção ou retenção linguística.

Para Faraco (2005, p. 14),

[a] realidade empírica central da lingüística histórica e o fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo. Em outras palavras, as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrários, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo. E é essa dinâmica que constitui o objeto de estudo da lingüística histórica.

Faraco, portanto, coloca a linguística histórica como uma disciplina científica e delimita bem o seu objeto de estudo.

De forma complementar, para Mattos e Silva (2008), a linguística histórica trata de interpretar mudanças ao longo do tempo histórico em que uma língua ou família de língua é utilizada por um dado grupo. Essa autora faz ainda uma distinção entre a linguística histórica sócio histórica e a linguística histórica a-história. Para este trabalho, por tratarmos de questões lexicais, parece-nos mais apropriado ter em conta a linguística histórica sócio histórica, já que essa vertente relaciona fatores extralinguísticos e fatores intralinguísticos.

Após algumas colocações sobre a linguística histórica, cabe-nos ainda tratar um pouco das ciências do léxico e do contexto sócio histórico que envolve este artigo.

Muitos são os trabalhos sobre o léxico, sobre as diferentes áreas das ciências do léxico – lexicologia, lexicografia, terminologia – e até sobre as relações entre léxico e sociedade. Como fundamentação deste trabalho, trazemos as concepções de Biderman (2001), de Mateus e Villalva (2006) e de Castilho (2019).

Segundo Biderman (2001, p. 13), o léxico “constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. De forma complementar, Mateus e Villalva (2006, p. 61) explicam que o

[...] léxico das línguas é uma entidade abstrata: limitada no tempo, dado que integra todas as palavras, de todas as sincronias, da formação da língua à contemporaneidade; limita no espaço, dado que compreende todas as palavras de todos os dialectos; e irrestrita na adequação ao real, dado que inclui as palavras de todos os registros de língua.

Considerando a língua um multissistema, Castilho (2019, p. 110) trata o léxico como “[...] um inventário (i) de categorias e subcategorias cognitivas; e (ii) de traços semânticos inerentes. Esse inventário é virtual, pré-verbal, podendo ser entendido como um feixe de propriedades de que lançamos mão para a criação das palavras”.

Todas essas definições tomam a noção de conjunto e de abstração para definir um nível linguístico superficial e, ao mesmo tempo bastante complexo. Nosso objetivo aqui, entretanto, não é chegar à melhor definição de léxico, mas tecer reflexões que colaborem para a percepção da retenção lexical que acontece nos casos que apresentaremos a seguir.

3 O léxico litúrgico nas nossas fontes

Como os itens lexicais que apresentaremos a seguir foram extraídos do *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*², devemos levar em consideração, também que

[...] não há comunicação profissional sem terminologia, o que corresponde ao emprego de itens léxicos específicos e, conseqüentemente, de conceitos próprios de cada área de saber científico, técnico, tecnológico, jurídico entre tantos outros domínios de competência. (KRIEGER, 2009, s/p).

O *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* é um livro manuscrito que contém registrados os inventários da Igreja Catedral da Diocese de Mariana (hoje arquidiocese) de 1749 à 1904. Essa fonte documental, custodiada pelo Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, em 2018, recebeu uma chancela que o incluiu no Registro Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da Unesco.

² Encontra-se no prelo uma publicação com todos os itens lexicais da esfera litúrgica encontrados no Livro de Inventários da Catedral de Mariana: DORES, M. V. P. das. *Os segredos do léxico litúrgico: glossário do Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana*. 1. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. v. 1. 77p. ISBN: 978-65-87621-29-6. DOI: <http://doi.org/10.11606/9786587621296>. E-book.

Nesta seção, apresentaremos alguns itens lexicais da esfera litúrgica organizados em fichas que elaboramos para este artigo. Em cada ficha, constam as seguintes informações:


- i) Em caixa alta o item lexical grafado conforme foi encontrado no manuscrito. Em seguida, segue o mesmo item com a ortografia contemporânea, que foi retirada do *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2009).
- ii) Imagem do objeto litúrgico cedida pelo Museu da Liturgia de Tiradentes, Minas Gerais.
- iii) Definição encontrada no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (2010).
- iv) Definição encontrada no *Vocabulario portuguez & latino*, do padre Rafael Bluteau (1712 e 1721).
- v) Definição disponível no *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2009).
- vi) Conceito³ retirado do site da loja *CORDIS Paramentos e Objetos Litúrgicos*⁴.

Essa ficha tem, portanto o objetivo que apresentar informações passadas e informações atuais – sobretudo, se levarmos em consideração que a *CORDIS Paramentos e Objetos Litúrgicos* é uma loja que surgiu em 1990 e que vende objetos litúrgicos até o presente. Por meio do cotejo das definições encontradas em obras lexicográficas e no site consultado, será possível verificar que os itens lexicais colocados em destaque estão retidos na língua com os mesmos significados. Cabe destacar que nos voltamos para os dados passados justamente para conseguirmos inspecionar o passado de cada item lexical e, assim, tentar recuperar parte da sua história.

³ Trata-se do termo utilizado no site.

⁴ <https://www.cordis.com.br/>

CAZZULA casula	
	
A. G. Cunha	sf. ‘vestimenta sacerdotal’. Século XII. Do latim <i>caŭla</i> – diminutivo de casa.
Bluteau	A sagrada Vestidura, que o Sacerdote leva ao altar, sobre a alva, para dizer Missa. He em memoria da injuria, que foy feita ao nosso Redemptor, quando em casa de Pilatos lhe puzeraõ aos hombros por escarneo a purpura velha.
Houaiss	Paramento eclesiástico, de seda, damasco etc., guarnecido de galões cujas cores variam conforme o rito, é que o sacerdote veste sobre a alva e a estola para celebrar missa.
CORDIS	Casula é uma veste litúrgica que os sacerdotes usam sobre a Túnica ou Alva e Estola para a celebração da Eucaristia. Cores litúrgicas: branco (ou dourado), verde, vermelho, roxo e róseo. Também conhecida com o nome de “Planeta”, devido ao seu formato arredondado como um amplo manto.

DALMATICA Dalmática	
	
A. G. Cunha	sf. 'paramento que o diácono e o subdiácono vestem sobre a alva'. Século XIV. Do latim eclesiástico <i>dalmática</i> (vestis), assim chamada por ser originalmente produzida na Dalmácia.
Bluteau	Vestidura sagrada; de que usão os Clerigos de Evangelho, e de Epistolas, nas Missas solemnes, Procissoens, e outras funções Ecclesiasticas.
Houaiss	Antiga espécie de túnica. Essa túnica ou suas adaptações (como colocação de mangas ou capuz, redução do tamanho, ornamentação etc.) usada por diversas dignidades eclesiásticas, como o sumo pontífice, bispos e sacerdotes, até se tornar parte dos paramentos dos diáconos.
CORDIS	Dalmática é a veste própria dos diáconos, usada sobre a Túnica ou Alva. Seu nome deriva de uma peça do vestuário usado na Dalmácia (região ao sul da Europa). São confeccionadas com tecidos semelhantes aos de uma casula, e decoradas com bordados e/ou galões. Aberta dos lados, tem as mangas largas e curtas. Sob a Dalmática usa-se uma estola na transversal.

GREMIAL**Gremial**


A. G. Cunha	Grêmio sm. 'seio, regaço, comunidade, corporação, assembleia'. 1572. Do latim <i>gremium</i> , onde está presente a raiz * <i>ger</i> , com ideia geral de juntar. A mesma raiz ocorre em <i>gremial</i> . 1844.
Bluteau	Especie de frontaleira de seda que nos Pontificaes se poem sobre os juelhos do Bispo, quando está sentando no tempo dos officios divinos.
Houaiss	Peça das vestes eclesiásticas posta sobre os joelhos de um prelado oficiante, quando este se encontra sentado.
CORDIS	É uma espécie de avental usado pelos sacerdotes para proteger os demais paramentos em algumas celebrações, tais como lava-pés, dedicação de templos e sagração de altar, unção dos neossacerdotes na ordenação sacerdotal e episcopal. Não é um paramento litúrgico, mas apenas uma veste funcional com uma discreta cruz bordada para não destoar demais do conjunto dos outros paramentos.

MISSAL

Missal



A. G. Cunha	sm. missal. Século XIV.
Bluteau	Livro, que no altar serve para se dizer Missa.
Houaiss	Livro que contém as missas que são celebradas durante o ano nas paróquias.
CORDIS	Livro que apresenta o rito da missa, com grande variedade de introduções para cada parte da celebração. Apresenta grande alcance pastoral com as aclamações para todas as orações eucarísticas.

PATENA Patena	
	
A. G. Cunha	sf. ‘disco circular, de ouro ou de metal dourado, que serve para cobrir o cálice e receber a hóstia’. Século XIV. Do latim <i>patēna</i> .
Bluteau	Especie de pratinho, com que o Sacerdote cobre o caliz na Missa; he da mesma materia, que o caliz, e serve de recolher os fragmentos da Hostia.
Houaiss	Disco metálico que serve para cobrir o cálice e sobre o qual se coloca a hóstia na missa.
CORDIS	É um recipiente em forma de prato fundo fabricado em metal, vidro ou cerâmica, onde se colocam as partículas da Santa Missa para consagração.

Comparando as definições apresentadas nas fichas de cada item lexical, é possível perceber que, embora algumas definições sejam mais enciclopédicas que outras, não há mudança nem no objeto, nem na nomeação dele. É justamente isso que estamos aqui chamando de retenção lexical.

Como já era de se esperar, em virtude dos fundamentos da Igreja Católica, todos os itens lexicais aqui apresentados são de origem latina. Outro fator relevante é que a datação encontrada no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* se aproxima do período de escrita do primeiro inventário registrado no *Livro de Inventários da Catedral de Mariana* (1749-1753).

4 Considerações finais

As reflexões que aqui trouxemos, embora não aprofundadas, colaboram com as reflexões sobre o objeto de estudo da linguística histórica e a relação dessa área científica com as ciências do léxico.

A retenção lexical que aqui ilustramos pode ter ocorrido por diversos motivos. Um deles é o fato de estarmos abordando itens lexicais de certa especialidade. O léxico de especialidade é diferente do léxico geral. Assim, possui um comportamento diferente. Outra questão a se considerar é que a esfera social católica é bastante conservadora, o que, em certa medida, pode barrar determinadas mudanças e inovações.

Sobre esse conservadorismo, há que se levar em conta, por exemplo, que o site da Cordis Paramentos e Objetos Litúrgicos, mesmo tendo como clientes pessoas que fazem parte da esfera social católica, traz as definições de cada produto. Isso é um forte indício que os nomes dos objetos não são tão transparentes.

Por fim, não poderíamos deixar de recuperar a importância das fontes consultadas para a elaboração deste artigo. Foco maior seja dado ao *Livro de Inventários da Catedral de Mariana*. Como já mencionado, esse manuscrito, em 2018, foi reconhecido pela UNESCO como Memória do Mundo. Desde então, ele vem servindo de objeto de diferentes pesquisas que realizamos. De fato, os manuscritos são fontes extremamente relevantes para os diferentes estudos de estágios passados das línguas.

Referências

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

BLUTEAU, R. *Vocabulário português & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>.

BYNON, T. *Historical Linguistics*. GB: CUP, 1977.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CUNHA, A. G. da. (Coord.). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FARACO, C. A. *Linguística Histórica: introdução ao estudo da história das línguas*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. Não paginado. 1 CD-ROM.

KRIEGER, M. da G. *Divulgação científica e terminologia*. Anais do V Simpósio Internacional de Estudo de Gêneros Textuais. Caxias do Sul: Edcs, 2009. Não Paginado. Disponível em:
https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/divulgacao_cientifica_e_terminologia.pdf.

MATEUS, M. H. M. A mudança da língua no tempo e no espaço. In: MATEUS, M. H. M; BACELAR, F. (orgs.). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

MATEUS, M. H. M. VILLALVA, A. *O essencial sobre linguística*. Lisboa: Caminho, 2006.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.